

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ARTÍSTICAS DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA E DE OGUM NA BAHIA

**Suzane Tavares de Pinho Pêpe**

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos

Professora Adjunta

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

suzanepinho@gmail.com

### RESUMO

Aspectos históricos e sociais da devoção católica a Santo Antônio de Lisboa e do culto ao orixá Ogum em Salvador e no Recôncavo baiano. Ambos foram objeto de associações presentes no imaginário religioso de baianos, registradas na literatura. A metodologia empregada baseia-se em pesquisa bibliográfica, iconográfica e vivências de pesquisa. Conclui-se que as associações entre divindades do catolicismo e do candomblé decorreram da necessidade de ocultar os ritos de matrizes africanas em tempo de repressão religiosa, e se evidenciam em qualidades, atributos ou elementos simbólicos percebidos como comuns a ambos, assim como virtudes, aptidões e características psicológicas deduzíveis de mitos e outras histórias passadas de geração a geração. A natureza das associações entre santos e orixás variam a depender da época e do lugar. Na Bahia, Santo Antônio e Ogum foram associados ou comparados com base em seu caráter de conquistador e guerreiro.

**Palavras-chave:** Santo Antônio de Lisboa. Ogum. Bahia. Imaginário. Escultura.

### INTRODUÇÃO

Desde o período da colonização portuguesa no Brasil, Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua é um dos santos católicos que mais encontram devotos na Bahia, e Ogum, um dos orixás<sup>1</sup> mais prestigiados do candomblé, religião que se estruturou no século XIX, resultando do contato de negros africanos na colônia<sup>2</sup>. Em um processo de dominação, resistência, conciliações e diversidade culturais, santos e orixás foram objeto de associações presentes no imaginário religioso de baianos e registradas na literatura sobre candomblé (ver BASTIDE, 1971, p. 364-369).

Nosso objetivo neste texto é tratar de aspectos históricos e sociais da associação feita entre Santo Antônio e Ogum tendo como campo de observação Salvador e Cachoeira, onde foi comum africanos e descendentes buscarem apoio tanto nos orixás quanto nos santos católicos que considerassem capazes de atender às suas necessidades físicas e emocionais, em uma sociedade de dominação étnico-racial, de gênero e socioeconômica.

Assim, um conjunto de possibilidades de crenças foi gerado em decorrência da coexistência de sistemas de crenças diversos, tornando-se comum a fusão<sup>3</sup>, o sincretismo ou a comparação entre santos católicos e divindades africanas, o que também ocorreu em Cuba, Haiti e Louisiana (EUA). Essas relações, socialmente construídas, variam a depender do lugar e da época; baseiam-se em qualidades, atributos ou elementos simbólicos percebidos como comuns às divindades associadas, além de virtudes, aptidões e características psicológicas deduzíveis de mitos transmitidos através de gerações.

A imagem de Santo Antônio de Lisboa – Fernando de Bulhões<sup>4</sup> – como conquistador remonta ao tempo em que viveu, entre os séculos XII e XIII, quando o cristianismo assumiu caráter guerreiro e de conquista. «Antônio integrou uma missão ao Marrocos a fim de evangelizar não cristãos; de volta a Portugal, teve de desembarcar na Itália, onde se dedicou à oratória e ao estudo da teologia cristã.» (AUGRAS, 2005, p. 84). «Faleceu em 13 de junho de 1232, na cidade de Pádua, Itália, e foi canonizado um ano após a sua morte.» (LORÊDO, 2002, p. 85).

<sup>1</sup> Os orixás são ancestrais divinizados, que em vida estabeleceram vínculos que lhes garantiam um controle sobre certas forças da natureza – trovão, vento, águas doces ou salgadas –, ou lhes asseguraram a possibilidade de exercer certas atividades como a caça e o trabalho com metais, ou de adquirir o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. (VERGER, 2002, p. 18).

<sup>2</sup> No tráfico na Costa da África, os negros eram identificados por nação (etnia), termo que foi reempregado com o objetivo de identificar as comunidades de candomblé, considerando o predomínio do culto a determinadas divindades, os elementos litúrgicos, linguísticos e musicais. As principais nações de candomblé na Bahia são: Queto, de origem linguística ioruba – chamados de Nagôs na Bahia –, que cultua os orixás; Jeje, de origem linguística fon, que cultua voduns; e a nação Angola, de origem linguística banto, cujas divindades são os inquices. (CASTRO, 2005, p. 255, 309 e 349).

<sup>3</sup> Em 1940, Arthur Ramos escreveu: “[...] a fusão de Ogum (deus da guerra) com Santo Antônio estaria no fato de ter sido o santo um soldado português, cuja vida meio histórica meio lendária, de aventuras guerreiras chegou ao conhecimento do negro baiano.” (RAMOS, 1940, p. 136).

<sup>4</sup> Nasceu em Lisboa em 1195, adotou o nome Antônio em 1221, homenageando o eremita Santo Antão, quando entrou para a Ordem Franciscana. (LORÊDO, 2002, p. 85).



Figura 1 – Desenho de Watson Rodrigues, representando a imagem de **Santo Antônio de Lisboa**, pertencente à Igreja de São Francisco, Salvador, BA. Fonte: SÓARES, 1942, p. 93.



Figura 2 – Imagem de **Santo Antônio** em procissão na Barra, Salvador, 12/6/2016. Detalhe extraído de fotografia de Betto Júnior. Fonte: CORREIO\*, 13/6/2016.

Em Portugal, Santo Antônio foi invocado como protetor de seus exércitos, assim como ocorreu quando chegou à Baía de Todos os Santos com os primeiros navegadores. Seu nome foi escolhido para designar construções de defesa da cidade do Salvador e construções religiosas<sup>5</sup>. Foram criadas uniões piás e irmandades católicas para a sua devoção<sup>6</sup>. Também a ele recorreram com o objetivo de atender a outras causas: doença, perda de escravo fugido, aguardo de sentença, perda de objetos (MOTT, 1997, p. 187-188) e encontrar noivo para casar (CASCUDO, 1962, p. 52-53).

A publicação de José Carlos de Macedo Soares, *Santo Antonio de Lisboa Militar no Brasil* (1942)<sup>7</sup>, apresenta fontes bibliográficas e extratos de documentos relativos à história, patentes militares concedidas ao Santo, e soldos que recebeu até 1907. No século XVI, Santo Antônio foi intitulado soldado raso na Fortaleza de Santo Antônio da Barra; em 1638, invocado como protetor quando, na área de Santo Antônio Além do Carmo, foi feita a resistência aos holandeses. (BAHIA, 1997, p. 148). No dia 13 de junho daquele ano, o Padre Antônio Vieira pregou sermão “à beira das trincheiras” na capela de Santo Antônio Além do Carmo.» (BAHIA, 1997, p. 125-126) Santo Antônio foi promovido de soldado a capitão pela Câmara da Cidade do Salvador em 1705. (SOARES, 1942, p. 15-16).

A expansão do lado leste da cidade do Salvador, iniciada com a Invasão Holandesa, levou à construção de quartéis e de casas no entorno dos edifícios religiosos, entre eles a Igreja de Santo Antônio da Mouraria (1724), onde irmandades tiveram seus oragos, destacando-se, na segunda metade do século XIX, a Irmandade de Santo Antônio dos Militares. O Santo recebeu, no reinado de D. João V (1707-1750), o título de alferes de infantaria na Igreja da Mouraria, cuja pedra fundamental data de 1724 (LEÃO, 2014, p. 45), sendo promovido a sargento-mor em 1810 e a tenente-coronel de infantaria em 1814, pois Dom João lhe creditava ter livrado a monarquia da invasão francesa.

O vínculo da população, no início do século XIX, quando o militarismo era forte e os regimentos eram formados por soldados profissionais, assim como, quando convocados, por comerciantes, escravos, caixeiros ou pais de família; do mesmo modo que por “brancos”, “pardos”, “mulatos livres” e “pretos forros”. (COSTA, 1958 apud LEÃO, 2014, p. 44 e 62).

<sup>5</sup> Forte de Santo Antônio da Barra (1583-1587), Capela de Santo Antônio da Barra (1595-1600), Primitiva Capela de Santo Antônio Além do Carmo (1594), Forte de Santo Antônio Além do Carmo (1635-1705), Capela de Santo Antônio (1682), a Igreja de Santo Antônio da Mouraria (1726) em Salvador, e o Convento de Antônio do Paraguaçu (1649) em São Francisco do Paraguaçu, Cachoeira.

<sup>6</sup> Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio Além do Carmo (1622); Irmandade de Terceiros, e depois a de Santo Antônio dos Militares (assumindo a capela entre 1849 e 1894), ambas na Igreja da Mouraria. (LEÃO, 2014, p. 51).

<sup>7</sup> A obra trata de Santo Antônio como militar na Bahia, em São Paulo, Goiás, no Rio de Janeiro, na Paraíba e no Espírito Santo.

Soares refere-se a autores baianos<sup>8</sup> que, a partir de meados do XIX, pesquisaram sobre o episódio da chegada de uma imagem de Santo Antônio à Igreja de São Francisco, de Salvador, com base em “Requerimento e certidão sobre os milagres de Santo Antonio de Arguim”, do século XVI, do Guardião Fr. Francisco dos Anjos ao deão Pedro dos Campos, a quem contava acerca de viagem de franceses luteranos e hereges, a fim de conquistar a Bahia. Estes teriam passado pela Fortaleza de Arguim (domínio português na África) e se apossado de uma imagem de Santo Antônio, a qual teria sido alvo de zombaria e golpes de espada, até ser mutilada. Mas, por “milagre”, decidiram lançá-la ao mar na intenção de que o santo os guiasse à Bahia, tendo chegado e aparecido de pé em Itapuã nas terras de Francisco Dias d’Ávila. Depois teria sido levada para a Igreja de Nossa Senhora dos Mercadores e conduzida em procissão, em 1595, até a Igreja de São Francisco de Assis. Santo Antônio de Arguim foi padroeiro da cidade do Salvador no século XVI, posição que ocupou até o século XVII, antes de São Francisco Xavier<sup>9</sup>.

Não sabemos quando foi entronizada, na Igreja de São Francisco (Salvador), a imagem de Santo Antônio de Lisboa é atribuída a Manoel Inácio da Costa<sup>10</sup> por Manuel Querino (1909, p. 18). De madeira dourada e policromada, representa o santo, na postura do contraponto, vestindo hábito franciscano, trabalhado com motivos florais dourados sobre fundo negro de acordo com estilo da época. Considerando seus aspectos técnico-formais, esta obra foi provavelmente esculpida entre os séculos XVIII e XIX. Em dias de festa, o santo era condecorado com insígnias militares (FIG. 1).

Apesar de ter sido considerado militar, as imagens católicas de Santo Antônio encontradas nos monumentos e casas dos baianos seguem a seguinte iconografia: o santo porta o hábito franciscano; seus atributos são o crucifixo, o lírio – símbolo da pureza – e o Menino Jesus de pé ou sentado sobre um livro. O que sinalizava a sua patente militar é a faixa colocada pelo Exército em cerimônias especiais, como ocorreu com imagem de Santo Antônio da Barra (FIG. 2) em 2016.

Missas são celebradas em louvor a Santo Antônio nas igrejas onde é cultuado todas as terças-feiras, dia dedicado a Ogum. A sua festa, no dia 13 de junho, assim como a trezena que a antecede, são realizadas em templos e casas baianas e demonstram a popularidade do santo, que mobiliza devotos (FIG. 3,4). No dia 13 de junho, muitos terreiros fazem culto público a Ogum, culminando nas obrigações internas. As coincidências dos dias de festa de orixás e santos carecem de estudos, mas, de antemão, nota-se que não se pode generalizar, visto que cada terreiro tem seu calendário de festas. No passado, os dias dedicados a santos e os domingos eram a oportunidade que os negros tinham para cultivar suas divindades, podendo fazer pensar que estivessem cultuando santos (ver VERGER, 2002, p. 24).



Figura 3 – Santo Antônio (detalhe). Imagem de cerâmica cultuada durante quermesse realizada no adro da Igreja de Santo Antônio da Barra. Salvador, 13/6/2017. Foto: S. Pépe.



Figura 4 – SILVA, Celestino Gama da (Louco Filho). Santo Antônio (detalhe). 1995. Escultura de jaqueira. h = 1,20 m. Ateliê do Louco Filho, Cachoeira, BA. Foto: S. Pépe, 2010.

<sup>8</sup> Antonio de Santa Maria Jaboatam (1857), Sebastião da Rocha Pitta (1878) e Inacio Accioly de Cerqueira e Silva (1837).

<sup>9</sup> Esta escolha foi justificada por ter São Francisco Xavier falecido, no Oriente, vitimado pela febre amarela, doença que assolou a cidade do Salvador em 1686.

<sup>10</sup> Escultor baiano, natural de Cairu, Bahia, viveu entre 1763 e 1857, trabalhou em Salvador, foi membro de irmandades de leigos e obteve reconhecimento artístico e social na cidade do Salvador. (PÊPE, 2000, *Passim*)



Figura 5 – ARAÚJO, J. C. (Doidão). Ogum (detalhe de portão esculpido na jaqueira). Atelier de Artes Doidão Bahia na Rua 13 de Maio, Cachoeira, BA. Foto: S. Pêpe, 2011.



Figura 6 – FILHO DO LOUCO JOÃO 30 (João Batista Gama da Silva). Ogum. 2013. Escultura de jaqueira. h = 0,68 m. Coleção particular. Foto: S. Pêpe, 2013.

A tradição mitológica ioruba guardada na memória dos adeptos do candomblé, somada à difusão de informações colhidas por Pierre Verger em pesquisa na Bahia, na Nigéria e no Benim (antigo Daomé), sinalizam o caráter guerreiro e conquistador e a qualidade de Ogum como senhor da forja, relacionado à agricultura e irmão de Exu (o abridor de caminhos). Nos assentamentos de Ogum dos terreiros de candomblé da Bahia, encontram-se artefatos de ferro, instrumentos de trabalho e armas, como martelo, foice, torquês, pá, picareta, facão e espada, seus atributos.

87

Segundo a mitologia ioruba, Ogum foi o filho mais velho e mais energético de Odudua, fundador do Reino de Ifé. (VERGER, 2002, p. 94). Reginaldo Prandi narrou mitos de Ogum, com base em outros recolhidos por Verger e por Ulli Beier, escritor germânico que também desenvolveu pesquisas na Nigéria. Deprendemos de um desses mitos que Ogum fundou um reino chamado Irê (Eketi, na atual Nigéria) do qual se tornou o rei e partiu para conquistar outros territórios. Um dia, ao retornar a seu reino, após vencer uma guerra, aí se estava realizando um ritual que exigia silêncio. Conforme as exigências religiosas, seus praticantes, que eram súditos de Ogum, não lhe dirigiram a palavra nem lhe prestaram homenagens. Ogum sentiu-se profundamente humilhado e ficou enfurecido por achar que não o haviam reconhecido. Subitamente, empunhou a sua espada e matou seus próprios súditos. Após o ritual acabar, aqueles que restaram prestaram-lhe as honras, saciaram a sua fome e a sua sede, vestiram-no com roupas novas, cantaram e dançaram para ele. Não obstante, Ogum percebeu que a sua ira havia sido sem razão e tão desproporcional que foi tomado por um enorme arrependimento. Então enfiou a sua espada no chão até que fosse tragado pelo solo, deixando a sua condição humana e passando à condição de orixá, ao entrar para o Orum. (PRANDI, 2001, p. 89-91). Este mito, que indica o princípio de que os orixás são ancestrais que guardam em sua história comportamentos humanos, circula entre sacerdotes e sacerdotisas dos terreiros de candomblé e nos foi contado sem tantos detalhes pelo babalorixá Benício dos Santos na cidade de Cachoeira em 2013.

Na Bahia, Ogum foi então reconhecido como protetor daqueles que tiveram de lutar como escravos, soldados e também contra as adversidades da vida. Identificado por seu temperamento impulsivo, dança nos rituais com ar marcial, evidenciando seu estado de violência e impulsividade, agitando uma ou duas espadas, fazendo movimentos que simbolizam a abertura dos caminhos, como se fosse golpear o adversário, ou como guerreiro, movimentando braços, pernas e rodando em torno do eixo de seu corpo.

A cidade de Cachoeira serve de exemplo para compreender a representação dos orixás na arte. A partir dos anos 1970, tornou-se local de produção de esculturas de madeira, representando santos e orixás. Seus escultores, quase todos foram iniciados pelos irmãos autodidatas Boaventura da Silva Filho (Louco) (1927-1992) e Clóvis Cardoso da Silva (Maluco). No começo, Louco dava nome de orixá à escultura de santo; não obstante, o tema dos orixás foi se afirmando em sua produção, e na de seus continuadores, que esculpem imagens de santos e orixás, além de objetos, adquiridos por turistas, intelectuais e membros de terreiros de candomblé e umbanda.

Sobre a representação dos orixás, em entrevista com José Cardoso (Doidão Bahia), em 2013, ele deixou claro que as figuras antropomorfas ditas Orixás que saem de seus ateliês são figurações do “elegum”, ou seja, a representação daquele que durante o culto se encontra no estado de transe “recebendo” a divindade, e não da própria divindade. Assim os eleguns de Ogum portam calçolão, saieta, peitoral e gorro, e usam fios de contas intercalados por firmas (tipo de conta cilíndrica colocada nos fios de conta de colares). que vão até a cintura; carregam faca ou espada, instrumentos que serviram ao orixá na guerra. (FIG. 5 e 6).

Concluindo, o culto a Santo Antônio como santo militar na cidade do Salvador é testemunhado por construções de defesa da cidade que receberam seu nome, contribuindo a favor desta memória. Com o culto a divindades africanas na Bahia por africanos e descendentes, histórias e mitos permitiram que o orixá Ogum fosse associado ao santo, e vice-versa, com base no caráter de conquistador de territórios e guerreiro, palavra esta que ganhou um sentido mais amplo na atualidade, aquele ou aquela que enfrenta toda adversidade. Contudo, os escultores não fundem a iconografia de Ogum e Santo Antônio nos locais estudados, reafirmando o lugar do santo e o do orixá, ainda que no imaginário social essas fronteiras sejam fluidas.

## REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. **Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia: monumentos do município do Salvador**. 3. ed. v. I. Salvador, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1962.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações**. Tradução: Maria Eloísa Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira: EDUSP, 1971. v. 2.

CASTRO, Yeda. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

CORREIO\*. **A 12ª noite da trezena de Santo Antônio ontem, na Igreja do padroeiro na Barra, foi marcada por uma procissão**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/missas-e-coral-celebram-dia-de-santo-antonio-em-salvador-veja-programacao/> 13.06.2016. Acesso em: 8 set. 2017.

LEÃO, Elisângela Conceição Dantas. **A percepção no tempo: Igreja de Santo Antônio da Mouraria, Salvador- Bahia**. 2014. 300 fls. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

LORÊDO, Wanda Martins. **Iconografia religiosa: dicionário prático de identificação**. Rio de Janeiro: Pluriedições, 2002.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu**. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PÊPE, Suzane Tavares de Pinho. **A atividade de Manoel Ignacio da Costa na cidade do Salvador**. 1999. 161 fls. Monografia (Especialização Lato Sensu em Cultura e Arte Barroca) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Louco, Maluco e seguidores e a formação de uma escola de escultura em Cachoeira (Bahia)**. 2015. 304 fls. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUERINO, Manoel Raymundo. **Artistas bahianos: indicações biográficas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

SOARES, José Carlos de Macedo. **Santo Antonio de Lisboa Militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. 6. ed. Salvador: Corrúpio, 2002.